

20 abr 2024 · 18:00 Sala Suggia

SOLISTAS

REMIX

ENSEMBLE

CASA DA MÚSICA

Ashot Sarkissjan violino
Victor Pereira clarinete
Stephanie Wagner flauta

ORQUESTRA
SINFÓNICA

DO PORTO CASA DA MÚSICA

Brad Lubman direção musical

MÚSICA & REVOLUÇÃO

casa da música

COMEMORAÇÕES
OFICIAIS

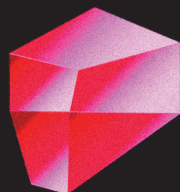
50
X2

DE
MO
CRA
CIA

25
DE
ABRIL

50
ANOS

50
ANOS



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Solistas do Remix Ensemble Casa da Música

Ashot Sarkissjan violino

Victor Pereira clarinete

Stephanie Wagner flauta

Emmanuel Nunes

Rubato, registre et résonances,

para violino, clarinete/clarinete baixo e flauta/flauta baixo (1991; c.14min)

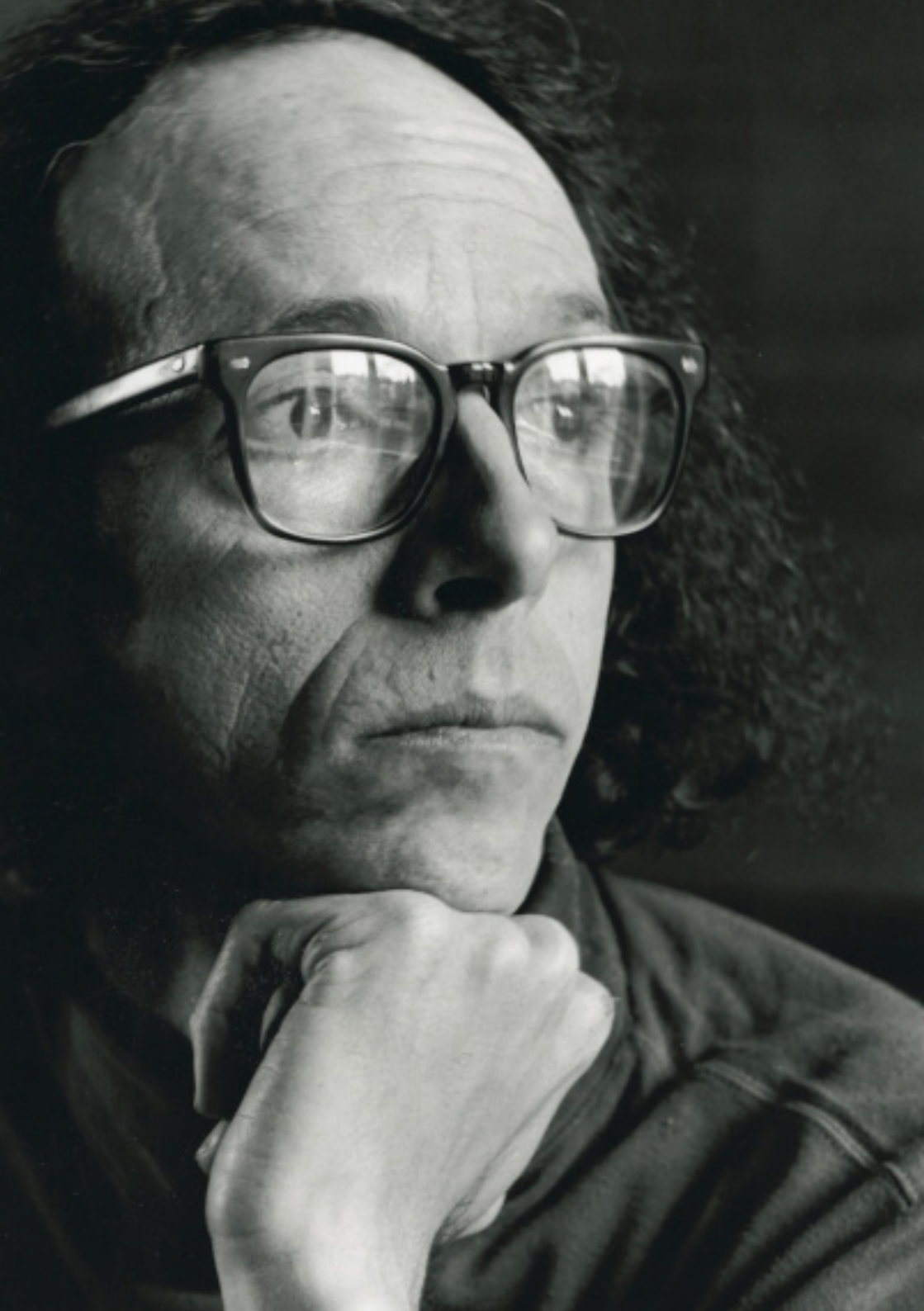
2ª PARTE

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Brad Lubman direção musical

Emmanuel Nunes

Musivus, para orquestra (1998/2001; c.40min)



Emmanuel Nunes

LISBOA, 1941 – PARIS, 2012

Rubato, registre et résonances

para violino, clarinete/clarinete baixo e flauta/flauta baixo

Esta peça para violino, clarinete e flauta teve como ponto de partida a Invenção a 3 vozes em Fá menor de J. S. Bach¹ e foi estreada em 1991, em Santiago de Compostela, por Pierre-Yves Artaud, Edmundo Tedesco e Pi-Chao Chen.

A técnica de citação musical, seja de forma mais ou menos explícita, é frequente na história da música erudita ocidental. O olhar de Nunes sobre esta técnica diverge largamente de alguns exemplos mais conhecidos — mesmo quando pensamos no século XX, por exemplo na famosa *Sinfonia* de Luciano Berio (1968-69) — e de outros casos onde a alusão musical explícita guia o discurso musical, aflora a memória do ouvinte e remete para uma direccionalidade da escuta num domínio histórico. Emmanuel Nunes não evita o historicismo *per se*. Assume essas referências, mas não centra o discurso musical no acto do seu reconhecimento auditivo, optando por manifestar a sua materialização nas relações dos componentes da obra e assumindo uma posição de legado das tradições musicais que evoca. Não o faz para se legitimar, mas por ser herdeiro indissociável de tais traços culturais. Numa entrevista de 2002, a propósito da Bienal de Música de Veneza, explicou

¹ As notas de programa publicadas na base de dados *B.R.A.H.M.S.*, do IRCAM, mencionam que a obra de Bach é a “Sinfonia BWV 780”; porém, é um equívoco, pois esta é uma invenção na mesma tonalidade, mas apenas a duas vozes. Através da análise da partitura, facilmente se verifica que se trata da obra catalogada como BWV 795.

como utilizava as citações, ainda que emblemáticas, em excertos de curta duração: “Não é uma forma de desenvolvimento. Por exemplo, no final de *Ruf* há uma citação de alguns compassos do *Canto da Terra* de Mahler, mas apenas durante poucos segundos. Também em *Lichtung* há uma harmonia de Schubert que é emblemática. Trata-se de ‘marcas’, nada mais do que isso. Digamos que tem um valor de continuidade histórica e de memória, mas não um valor estilístico.”²

A relação de Nunes com a música de J. S. Bach vem desde muito cedo. No seu “auto-retrato” preparado para o Festival Donaueschingen de 1977, define como primeiro ponto dos principais passos para a sua formação, em 1964, “o estudo da ‘fuga’, tomando por base *O Cravo Bem-Temperado* de Bach”. Também na entrevista realizada por Brigitte Massin e Peter Szendy, em 1992, quando questionado sobre as suas afinidades musicais, refere o canto gregoriano, Monteverdi e outros madrigalistas como Gesualdo e Vecchi, Beethoven, Schubert e Mahler, mas enfatiza: “Bach, isso nem é preciso dizer que tive vontade de estudar o mais possível: não se pode aprender tudo acerca de um compositor, mas pode-se tentar.”

Nas notas de programa escritas por Nunes para *Rubato, registre et résonances*, o autor faz referência à obra *The Blending Season* que, tal como *Ruf* e *Oeldorf*, também utiliza citações, mas na qual tinha inserido compassos da referida Invenção de J. S. Bach. Descreve também os três processos de base para a composição: o *rubato*, escrito de forma explícita e rigorosa, não apenas como elemento interpretativo análogo à agógica, mas também no sentido conceptual,

² *Emmanuel Nunes, Escritos e Entrevistas*. (Paulo Assis, Ed.). Porto: Casa da Música/Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical.

enquanto elaborada metamorfose das proporções rítmicas de Bach; os *registos*, frequentemente afastados e descontínuos, criando um distanciamento das relações harmónicas originais; e as *ressonâncias*, que são materializadas em gestos harmónicos e melódicos de sobreposições e fusões tímbricas, que transformam as relações originais e fomentam novas.

Estes processos partem de uma forma distinta de citação na prática musical de Nunes. Ao invés de outras obras em que os elementos citados são praticamente irreconhecíveis, como no caso do excerto da canção de embalear tradicional portuguesa que aparece no final de *Einspielung I* e que é impossível de identificar sem um treino aprofundado, em *Rubato, registre et résonances* é possível estabelecer um paralelo com o texto original de forma inequívoca. Numa entrevista de 1989 com o compositor galego Enrique Macías³ (1958-1995), ao dialogarem sobre *Tif'ereth*, Nunes menciona o plano de retrabalhar a obra para estabelecer analogias à *Arte da Fuga* de Bach numa determinada secção. Fala do seu novo projecto, sem mencionar uma nova obra autónoma. Provavelmente, este plano terá orientado *Rubato, registre et résonances*. Nesta entrevista, Nunes esclarece: "(...) a inserção, a citação transformada ou utilização, ou como lhe queiras chamar, de música que não é minha ou também de música que é minha de/em outras peças, não tem nada a ver com determinada escola ou tendência musical que está actualmente muito em voga. Não tenho nada a ver com tudo isso", referindo-se às tendências *neotonais* e *pós-modernas* com as quais não se identificava. Ainda na referida entrevista, elucida o que espera dos seus ouvintes da seguinte forma: "O público só se pode dar conta de uma evolução geral e isso

é normal. Penso que é algo comum a todas as épocas. Eu nunca quis dizer quando existia algo de citação, porque se trata de uma pequena alusão simbólica, que tem verdadeiramente a ver com a minha maneira de escutar música, estabelecendo 'pontes' que não são 'pontes' tradicionais da musicologia. (...) Existem muitas 'pontes' possíveis; só te dei um exemplo. São cruzamentos de percepção, de sensibilidade, que me conduzem de um compositor a outro e nada mais."

Em *Rubato, registre et résonances*, trata-se de mais do que uma citação. É antes a manufactura de uma obra sob uma imagem clara, não necessariamente óbvia, da referida Invenção de J. S. Bach. Os gestos fluidos da flauta contrabaixo, clarinete baixo e violino dialogam em fusões tímbricas que conduzem a escuta e fomentam a vontade de redescobrir a obra — que pode ser escutada no canal de YouTube da Casa da Música, interpretada também por Ashot Sarkissjan, Victor Pereira e Stephanie Wagner.

***Musivus*, para orquestra**

Musivus é uma obra para orquestra em quatro grupos, num total de 88 músicos distribuídos no palco em diferentes níveis de altura.

O título deriva da palavra latina que significa "obra em mosaico", com uma etimologia ligada ao grego antigo *mouseios*, ou da palavra *Musa*, com o sufixo *-ivos*. Hélène Borel (2001)⁴ refere que se nos divertirmos seguindo os caminhos do significado da palavra grega original, estaremos muito próximos da elaboração imaginária e lógica da obra, não só nas suas relações

⁴ Borel, H., Bioteau, A., & Daubresse, É. (2001). *Emmanuel Nunes, Compositeur portugais (XX siècle)*. (L. Braz de Oliveira, Ed.). Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

³ A quem a obra foi dedicada postumamente.

com a referida palavra grega, mas também com a palavra *musivum*, que se alterou no latim medieval para *musaicum* — remetendo para um imaginário sonoro rico, colorido e agregado em vários materiais, analogamente a um mosaico. Alain Bioteau (2001) sugere que cada elemento atômico do mosaico é orientado por Nunes segundo as suas qualidades intrínsecas, de forma particular e funcional em relação aos demais elementos e à representação geral.

Estes elementos podem ser facilmente identificados desde o início da audição da obra, impelindo a uma permanente renovação da escuta e permitindo criar relações formais no decorrer dos poderosos 40 minutos de duração — divididos em três grandes secções de 10 a 15 minutos.

Bioteau descreve também como Nunes começou por compor curtas sequências proporcionais, cada uma representando o elemento mínimo do mosaico, e estabeleceu simultaneamente um sistema de alturas muito preciso e fixo do ponto de vista dos registos, com uma escrita assente, por um lado, no encontro deste sistema com as microestruturas e, por outro, na determinação temporal destes mesmos elementos.

Como era típico da sua abordagem, Nunes gere a coexistência de sistemas delicadamente metódicos, mas permitindo-se franca liberdade na sua interpretação. Como dizia frequentemente nos seus seminários de composição: “A peça é minha, faço dela o que quiser”.

Musivus foi uma encomenda no contexto da Expo’98, estreada nesse ano pela Orquestra Gulbenkian dirigida por Emilio Pomàrico, que também dirigiu uma versão revista e interpretada pela Orquestra da WDR, em Colónia, em 2001. A relação entre Nunes e Pomàrico não foi iniciada neste contexto. *Quodlibet* (1990-1991), com a duração de 56 minutos, para

28 instrumentos, 6 percussionistas e orquestra, com dois maestros, e *Omnia mutantur, nihil interit* (1991-1996), para coro feminino e ensemble, antecederam o seu intenso trabalho conjunto neste período.

Nas notas de programa do concerto de 22 de Outubro de 2011 na Casa da Música, Paulo de Assis enfatiza que *Musivus* foi a última peça totalmente nova composta antes de o compositor iniciar os projectos cénicos que dominaram a primeira década da sua produção no século XXI.⁵

Musivus é uma obra magistral que deve ser revisitada e que pode ser escutada no fonograma de 2019 da editora Wergo, pela Orquestra da WDR com Emilio Pomàrico — que contém também uma gravação da peça vocal *Minnesang* pelo Ensemble Vocal da SWR. Este disco recebeu da Crítica Discográfica Alemã — uma associação independente de mais de 150 críticos musicais da Alemanha, Áustria e Suíça — o seu prestigiado prémio na categoria de “música contemporânea”.

JAIME REIS, 2024⁶

⁵ *Das Märchen* (2002-07), *La Douce* (2008-2009) e *Peter Kien — eine akustische Maske* (2011-2012).

⁶ O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Brad Lubman direção musical

Brad Lubman, maestro e compositor norte-americano, conquistou reconhecimento internacional pela sua versatilidade, técnica de direção e interpretações criteriosas ao longo de mais de duas décadas. É frequentemente requisitado pelas principais orquestras da Europa e dos Estados Unidos da América, e tem tido muito sucesso nas parcerias que mantém com várias orquestras e ensembles de renome, incluindo a Orquestra Sinfónica da Rádio Bávara, a Sinfónica WDR e a Sinfónica Alemã de Berlim. Em paralelo com a sua preenchida agenda na Alemanha, é convidado com regularidade para dirigir algumas das principais orquestras mundiais, entre elas a Orquestra do Concertgebouw, a Filarmónica de Los Angeles, a Orquestra Sinfónica Nacional Dinamarquesa, a Filarmonica della Scala e a Sinfónica de Xangai.

Além disso, tem trabalhado com alguns dos ensembles de música contemporânea europeus e norte-americanos de maior relevo, entre os quais o Ensemble Modern, a London Sinfonietta, o Klangforum Wien, o Ensemble MusikFabrik, o Ensemble intercontemporain, o Ensemble Resonanz, o New Music Group da Filarmónica de Los Angeles e a formação Steve Reich and Musicians.

Depois das recentes colaborações com agrupamentos como a Orquestra NDR da Elbphilharmonie, a Sinfónica da Rádio de Berlim, a Filarmónica do Luxemburgo, a Sinfónica de Gotemburgo e a Sinfónica da BBC, na presente temporada dirige a Filarmónica de Nova Iorque, a Orquestra de Paris, a Sinfónica da Rádio de Frankfurt, a Filarmónica da Radio France, a Sinfónica SWR de Estugarda e a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música. Deu início à temporada 2023/24 no

Auditório Nacional da Cidade do México com *2001, Odisseia no Espaço* de Stanley Kubrick, um projeto multimédia em cooperação com o Southbank Center de Londres, que tinha já apresentado com a Filarmónica de Los Angeles e a Sinfónica de São Francisco.

Brad Lubman é codiretor musical e artístico fundador do Ensemble Signal, de Nova Iorque. A gravação de *Music for 18 Musicians* de Steve Reich, editada pela Harmonia Mundi, recebeu um Diapason d'or em junho de 2015. Na primavera de 2019, dirigiu o ensemble na estreia de *Reich/Richter*, de Steve Reich — enquadrado no projeto *Reich Richter Pärt*, na inauguração do centro de artes The Shed, em Nova Iorque.

Professor de direção e ensembles na Eastman School of Music em Rochester, ensina também no Bang on a Can Summer Institute.

Lubman gravou discos para a Harmonia Mundi, Nonesuch, AEON, BMG/RCA, Kairos, Mode, NEOS e Cantaloupe. Em 2017, foi compositor em residência no Festival Grafenegg. As suas composições têm sido interpretadas por agrupamentos como a Orquestra Tonkünstler da Áustria e por músicos da Filarmónica de Los Angeles. Em 2020 foi estreada uma nova obra escrita para Rudolf Buchbinder, no Musikverein de Viena, que o pianista gravou para a Deutsche Grammophon.

Ashot Sarkissjan violino

Nascido na Arménia, o violinista Ashot Sarkissjan tem marcado presença nos palcos da nova música desde 2002, ano em que se juntou ao Ensemble intercontemporain. Foi nesta formação que teve contacto próximo com compositores como Pierre Boulez, György Kurtág e Brian Ferneyhough. Ao integrar o Arditti Quartet, em 2005, passou a trabalhar com os mais destacados compositores contemporâneos e participou numa discografia que inclui as integrais dos quartetos de cordas de Lachenmann, Harvey, Dusapin, Birtwistle e Ferneyhough.

Das suas apresentações a solo, destacam-se os concertos de Kurt Weill (com o Ensemble intercontemporain), György Ligeti (com a Sinfónica de Stavanger) e James Dillon (com a Sinfónica da Rádio Finlandesa), bem como, mais recentemente, *B-Partita* de Philippe Manoury e *Le stagioni artificiali* de Salvatore Sciarrino com o Remix Ensemble Casa da Música.

Entre as obras escritas para Sarkissjan estão *Giacometti's Razor* para violino solo de Steven Daverson (2014), *Socialist Fucking Realism* para violino e coro falado de Philip Venables (2013), *cleft* para violino e violoncelo de Mark Barden (2017), *[super]PIPE(s)* para violino e ensemble de Andrzej Kwieciński (2017), *The Su Song Star Map* para violino solo de Liza Lim (2018) e *No Exit* para violino solo num monitor de videovigilância e altifalantes ocultos de Joshua Fineberg (2023). O seu interesse paralelo pelas formas musicais menos académicas levou-o à participação nos álbuns *The Marriage of True Minds* (2013) e *The Consuming Flame: Open Exercises in Group Form* (2020), do grupo de música eletrónica Matmos.

Ashot Sarkissjan integra o Remix Ensemble desde 2022. Toca num violino de 2002, construído por Stephan von Baehr.

Victor Pereira clarinete baixo

Na carreira artística de Victor Pereira destacam-se os 23 anos como solista do Remix Ensemble. Gravou mais de duas dezenas de discos dedicados à música contemporânea, entre os quais *Concerto*, com o Remix Ensemble; *Mo(vi)mentos*, com obras de compositores portugueses; *Metal* do duo 2RV; e *Invenções* em duo com o pianista Vítor Pinho. A revista Gramophone incluiu o disco *Pascal Dusapin ao Vivo 2012* (edição Casa da Música), com a participação de Victor Pereira como solista, na sua lista de Escolha dos Críticos de 2013. Integra o duo 2RV com o clarinetista Ricardo Alves e o KLAIVIS DUO com o pianista Vítor Pinho.

É professor de clarinete e música de câmara na Academia de Música de Castelo de Paiva e na Escola Profissional de Música de Espinho. Ensinou também no Instituto Piaget e na ESMAE.

É regularmente convidado a orientar masterclasses e a integrar o júri de vários concursos. É coordenador artístico da Academia Ibero-Americana do Clarinete, em Castelo de Paiva. Estudou na Academia de Música de Castelo de Paiva e na ESMAE, concluindo a licenciatura com o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida. É mestre em Performance Musical pela Universidade de Aveiro.

Stephanie Wagner flauta

A flautista luso-alemã Stephanie Wagner é, desde 2004, solista do Remix Ensemble Casa da Música. Com este agrupamento tocou estreias mundiais de mais de 50 compositores nacionais e estrangeiros em salas como a Elbphilharmonie de Hamburgo, o Konzertverein de Viena e a Tonhalle de Zurique. Apresentou-se como solista em Portugal e pela Europa em obras como *...explosante, fixe...* e *Mémorial* de Boulez, *Abyss* de Donatoni e *Tempi concertati* de Berio. Em 2021, fez a estreia nacional de *Daedalus* de Luca Francesconi na Casa da Música.

Stephanie Wagner estudou no New England Conservatory (Boston) e na Hochschule für Musik und Theater de Munique. Trabalhou em formações como a Orquestra Sinfónica de Londres, a Filarmónica de Boston, o Ensemble Recherche, a Sinfónica de Nuremberga e a Sinfónica de Munique. Gravou discos para a Rádio Bávara, a WGBH em Boston e os estúdios MODE Records (Nova Iorque).

Já em Portugal, fundou a Academia de Flauta de Verão e o Ensemble Éolia. Lecionou na ESMAE no Porto, na ESART em Castelo Branco, na Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa e na Universidade de Aveiro. Dá masterclasses de norte a sul do país, e integra frequentemente júris de concursos nacionais e internacionais. Em 2015 foi-lhe atribuído o Título de Especialista com louvor por unanimidade do júri na ESMAE do Porto.

Stephanie Wagner é desde 2018 professora certificada de Relaxamento Muscular Progressivo pela Tao Health (Berlim, Alemanha). Orienta cursos de introdução e dá aulas individuais e em grupo deste método de relaxamento, aplicando-o também no seu ensino da flauta.

É artista da Powell Flutes e representante da Eva Kingma Flutes na Península Ibérica.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartet no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Orquestra Sinfónica

Violino I

Álvaro Pereira
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
José Despujols
Emília Vanguelova
Maria Kagan
Ilanina Khmelik
Tünde Hadadi
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Andras Burai
Ana Luísa Carvalho*
Mariana Cabral*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
Karolina Andrzejczak
Mariana Costa
José Paulo Jesus
Catarina Martins
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Pedro Carvalho*

Viola

Pedro Meireles
Emília Alves
Jean-Loup Lecomte
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Hazel Veitch
Luís Norberto Silva
Carlos Monteiro*
Carolina Palha*
Rita Barreto*

Violoncelo

Varoujan Bartikian*
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Aaron Choi
Hrant Yerosyan

Ana Sofia Leão*
Michal Kiska
Beatriz Figueiredo*
Nuno Ferreira*
Lauro Lira*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Tiago Pinto Ribeiro
Altino Carvalho
Slawomir Marzec
Pedro Barbosa*
Gustavo Rocha*
Margarida Rocha*

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Sofia Brito*

Clarinete

Carlos Alves
Pedro Silva*
João Moreira
Edgar Silva*

Fagote

Cândida Nunes
Vasily Suprunov
Robert Glassburner

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Hugo Sousa

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Ivan Vicente*
Nuno Martins

Tuba

Luís Oliveira*

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Sandro Andrade*
Pedro Góis*
Daniel Araújo*

Harpa

Ilaria Vivan
Erica Versace*

Piano

Vítor Pinho*

Operação Técnica

Iluminação

Bruno Mendes¹
Virgínia Esteves²

Palco

José Torres¹
José Vilela¹
Amaro Machado²
André Silva²
Carlos Almeida²

Som

António Cardoso¹
Sérgio Luís¹
Carlos Lopes²

* Instrumentistas convidados.

¹ Primeira parte.

² Segunda parte.

Próximos concertos

20 SÁBADO 21:00 SALA 2

Future Rocks

serviço educativo · os nossos concertos

21 DOMINGO 18:00 SALA SUGGIA

Coro Casa da Música

Remix Ensemble Casa da Música

Pedro Teixeira direção musical

Peter Rundel direção musical

Digitópia eletrónica

Obras de **Vicente Lusitano, Manuel Cardoso, Miguel Jesus, Fernando Lopes-Graça, Constança Capdeville e Emmanuel Nunes**

22 SEGUNDA 21:00 SALA SUGGIA

Hania Rani

promotor: Uguru

23 TERÇA 19:30 SALA 2

Maria Sá Silva

Obras de **Carlos Paredes, Isaac Albéniz, Enrique Granados, Manuel de Falla e Agustín Lara**

24 QUARTA 21:00 SALA SUGGIA

Venham mais 300

serviço educativo · os nossos concertos

Orquestra de 100 flautas, 100 clarinetes e 100 saxofones

Alunos de instrumento do Ensino Vocacional interpretação

Hélder Magalhães direção musical

25 QUINTA 21:30 CAFÉ

Malino

26 SEXTA 21:00 SALA SUGGIA

Abril

serviço educativo · ao alcance de todos

Tim Yealland e Jorge Queijo conceção artística

Associação dos deficientes das Forças Armadas, Liga dos Combatentes, Balletatro e

Formandos do Curso de Formação de Animadores Musicais interpretação

0.5%
DO SEU
IRS
POR UMA
BOA CASA

PORQUÊ APOIAR A FUNDAÇÃO CASA DA MÚSICA?

Com programas educativos, concertos inesquecíveis e projetos comunitários, a Fundação Casa da Música promove a cultura, a educação e enriquece as vidas de milhares de pessoas.

COMO FAZER

No quadro 11 da Declaração Modelo 3, seleccione "Instituições culturais com estatuto de utilidade pública" e inscreva o NIF 507 636 295.

Caso tenha IRS Automático, no momento da confirmação da declaração assinale a caixa que indica que pretende consignar 0,5% do seu IRS e inclua o NIF da Fundação Casa da Música.

Este contributo, sem qualquer custo para si e sem afetar o seu reembolso, permite-nos chegar mais longe.

NIF 507 636 295

ANO DE PORTUGAL
COM O ALTO PATROCÍNIO
DE SUA EXCELENCIA

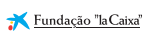


O Presidente da República

APOIO INSTITUCIONAL



MEDIAS



PATROCINADOR



APOIO

